

O Massacre do Dia de São Brício (1002) e o reinado de Æthelred II (978-1016): uma introdução a novas possibilidades de análise sobre as relações identitárias na Inglaterra anglo-escandinava ¹

Isabela Dias de Albuquerque
Doutoranda em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ
Nielim - Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Literatura da Idade
Média

isabela.albuquerque16@gmail.com

Enviado em: 29/03/2015

Aceito em: 06/08/2015

Resumo:

Chamamos de Era Viking na Inglaterra o período que vai de 793-1066, em função da presença escandinava na ilha, inicialmente sob forma de ataques e razias, seguindo-se à ocupação de uma faixa de terra na porção meridional, que ficou conhecida posteriormente como *Danelaw*. O reinado de Æthelred II faz parte deste contexto e foi marcado por uma nova onda de ataques escandinavos. Um dos episódios que merece destaque é o Massacre do Dia de São Brício (1002), a partir do qual consideraremos novas possibilidades de análise para os estudos sobre as relações entre anglo-saxões e escandinavos na Inglaterra.

Abstract:

The Viking Age England comprehends the period between 793-1066, because of Scandinavian presence in the island, initially by attacks and raids, followed by the occupation of a meridional band, which was at a later time known as *Danelaw*. Æthelred II's reign is part of this context and was marked by a new wave of Scandinavian attacks. One of the episodes which deserves our attention is St Brice's Day Massacre (1005), from which we consider new possibilities of analysis about the relations between Anglo-Saxons and Scandinavians in England.

1. Os povos anglo-saxões

A construção de identidades é um processo complexo, que vai muito além de meramente atribuir nomes. A temática em questão desperta o interesse de diversos especialistas, seja nas áreas de História, Literatura, Linguística, Antropologia ou Arqueologia. Consequentemente, podemos abordar a questão do ponto de vista da interdisciplinaridade, um campo profícuo e, de certa forma, também polêmico que suscita debates.

Os reinos germânicos não eram em nada homogêneos. Apesar de constantes referências a grupos étnicos específicos (*Regnum Francorum* ou *Regnum Visigothorum*), estes em nada correspondiam apenas ao grupo que alegavam compor. No caso da Inglaterra esse processo não foi diferente. Ocupada ainda no século V por diferentes povos germânicos, em sua maioria anglos, saxões e jutos, vindos da porção norte do norte da Germânia e Jutlândia, a identificação a partir do gentílico *gens anglorum* foi graças à obra de Beda (673-735) *Historia ecclesiastica gentis Anglorum*, fazendo a alusão de que todos os habitantes da ilha estavam unidos por uma mesma fé em Cristo (FOOT, 1996:29).

É comum falarmos da Inglaterra anglo-saxã, no período anterior à presença escandinava, como uma *heptarquia*². Entretanto, este termo foi criado apenas no século XII pelo clérigo Henrique de Huntingdon (c.1088-c.1154), em sua obra *Historia Anglorum* (c.1129). Logo, o termo em questão também apresenta alguns problemas: o primeiro deles é que a Inglaterra não era composta única e exclusivamente de sete reinos; o segundo é que nem todos esses reinos eram compostos pelos povos em questão; o terceiro é que essa redução pode dificultar nossa análise de entendimento dos povos e de sua organização no período. É importante destacarmos também que não havia um equilíbrio político entre estes reinos e os conflitos bélicos uns contra os outros eram uma constante.

No século IX, em meio aos primeiros ataques escandinavos à ilha, um desses reinos desponta por obter algum sucesso em combater os invasores: o reino de Wessex. Sem sombra de dúvida, o nome de maior destaque dentro desta casa real foi o de Alfred, ao qual ficou legado o epíteto de *o Grande*³. As gerações seguintes, com Edward, the Elder (899-924) e Æthelstan (924-939) deram continuidade ao trabalho de Alfred e

conseguiram, com certo sucesso, manter os escandinavos sob controle. Merece destaque, por exemplo, a vitória anglo-saxã na Batalha de Brunanburh, travada contra os escandinavos em 937. Entretanto, diferentemente de seus antecessores, Æthelred não obteve o mesmo sucesso ou, pelo menos, não o reconhecimento das gerações seguintes após sua morte. A maior parte das informações acerca do período anglo-saxã foram compiladas numa série de documentos e receberam o nome de *Crônicas Anglo-Saxãs*⁴.

2. O reinado de Æthelred (978-1016)

O reinado de Æthelred II ou *the Unready* foi um período conturbado, marcado por novos ataques escandinavos em larga escala. O epíteto de *Unready*, que teria sido cunhado *a posteriori*, provavelmente no século XII, por muitas vezes foi associado à inabilidade do rei em conter tais avanços bélicos. Contudo, a primeira aparição do termo *Unrad* é do início do século XIII e um jogo com a tradução literal do nome do rei em questão, cujo significado é *nobre conselho*. No caso, o termo *un-ræd* faz referência a *sem conselho* ou *mau conselho* (MILLER, In.: LAPDIGE, 2008: 15). A tradução do nome do rei como *despreparado*, portanto, possui mais a ver com a força que os escandinavos apresentaram em suas últimas incursões do que propriamente com seu despreparo para governar e combatê-los.

Seu reinado, entretanto, não dura de forma ininterrupta até o ano de 1016, momento da chegada do líder escandinavo Cnut, que acaba por assumir o trono da Inglaterra. Entre os anos de 1013-1014, com a presença da frota de Swein *Forkbeard* a Sandwich, no litoral de Kent, Æthelred foi forçado ao exílio na Normandia, por ser casado com Emma, irmã do Duque Ricardo II, levando-a junto consigo seus dois filhos Edward e Alfred.

Após a morte de Swein, em fevereiro do ano de 1014, seu filho Cnut assumia o controle da Inglaterra, a partir do coração da *Danelaw*, em Lindsey. Contudo, no mesmo ano Æthelred retornava do exílio e derrotava Cnut, fazendo com que este voltasse à Dinamarca. Cnut voltaria ainda no ano seguinte com uma nova frota a Sandwich, devastando primeiro Wessex, atingindo as Midlands e posteriormente chegando ao norte, pela *Danelaw* até York⁵ (KEYNES, 2011: 76).

A invasão dos escandinavos à Inglaterra, a vitória de Swein, seguida da ocupação definitiva por Cnut, estiveram associadas constantemente à incompetência, à fraqueza e à hesitação do rei, levando o reino à ruína (KEYNES, 1986: 196). Entretanto, a historiografia atualmente tem começado a rever o período em questão e deixado de atribuir única e exclusivamente a Æthelred o papel de culpado.

Em seu artigo *A Tale of Two Kings: Alfred the Great and Æthelred the Unready*, Keynes nos explica porque muitos estudiosos sobre o período tenderam a ver Æthelred de maneira tão depreciativa.

The main account of his reign, in the annals from 893 to 1016, was put together, possibly in London, by someone working after the king's death and in full knowledge of eventual defeat; there is no hint of any association between the chronicler and the court, and no suggestion that he had any particular expertise in military affairs or any privileged information on domestic politics. His purpose, looking back from his vantage point early in Cnut's reign, was to give some account of the circumstances which had led to the Danish conquest⁶ (KEYNES, 1986: 201).

O trecho escolhido nos dá uma explicação bastante plausível sobre a imagem de Æthelred forjada na narrativa. Era preciso dar ao leitor uma explicação que justificasse a presença danesa no trono da Inglaterra e a escolha para tal foi, no caso, o fracasso do próprio rei. O fato de não compreender sobre técnicas militares e não possuir qualquer informação sobre questões políticas dentro da corte leva-nos a crer que o cronista estava muito provavelmente reproduzindo um discurso já existente acerca da figura do rei. Dessa forma, a própria culpa a Æthelred foi atribuída *após* o seu reinado e a sua morte.

Contudo, se seria errôneo afirmarmos que Æthelred foi o culpado pelo fracasso dos anglo-saxões e pela ocupação de Cnut no trono da Inglaterra, a que motivos podemos atribuir sua derrota? Na visão de Richard Abels, especialista em história militar, o sistema de fortificações (*boroughs*) iniciado no período alfrediano foi bem sucedido, mas acabou criando ilhas de poder régio – a partir das quais o rei podia, por exemplo, controlar a cunhagem de moedas e o comércio fora da Inglaterra. Os *boroughs*, conforme os anglo-

saxões dispersaram o poderio escandinavo, foram aos poucos perdendo sua natureza militar de guarnição de tropas, transformando-se em cidades atrativas economicamente ao mesmo tempo em que vulneráveis para ataques escandinavos (ABELS, 1997). O rei e seus conselheiros teriam observado a necessidade de se investir uma vez mais em fortificações militares, a fim de se protegerem de possíveis ataques. De acordo com Abels ainda, havia outros gastos envolvidos como armamentos para os anglo-saxões – tais como cotas de malha, elmos e armaduras – e pagamentos de tributos aos escandinavos, na forma de pão, carne, vinho e cerveja (ABELS, 1997). Pelo que podemos observar, o reinado de Æthelred foi marcado por certa prosperidade econômica, o que fez com que uma possível invasão se tornasse atrativa.

Dentro ainda dos tributos pagos aos escandinavos, estava o *heregeld*, que significa literalmente, imposto do exército, instituído durante o reinado de Æthelred, a fim de manter mercenários de origem escandinava. O imposto era arrecadado de acordo com os meios necessários, podendo envolver inclusive terras (KEYNES, 2008: 235).

Outra medida dentro de seu reinado que merece destaque foi o investimento feito na construção de navios – também com o objetivo de conter o avanço escandinavo. De acordo com as *Crônicas*, os anos de 980-991 foram marcados por novos ataques escandinavos, depois de 25 anos de trégua. Ainda pautada nas *Crônicas*, em 8 de setembro de 994, Svein Forkbeard e Olaf Tryggvasson chegavam a Londres com 94 navios, determinados a atacar a cidade e atear fogo a ela (SWANTON, 2006: 127). Entretanto, “a intervenção da Santa Mãe de Deus resgatou-os dos inimigos”⁷.

Os investimentos feitos pelo rei foram muitos, tanto em diversidade, quanto em números. Æthelred estava de fato se preparando para enfrentar os escandinavos. Chamá-lo, portanto, de despreparado seria, no mínimo, um equívoco. Mas, mesmo com todo o preparo apresentado, a história, por vezes, surpreende negativamente.

Um dos episódios mais emblemáticos do reinado de Æthelred foi a Batalha de Maldon, travada entre anglo-saxões e escandinavos em agosto de 991. Os anglo-saxões, liderados por Byrhtnoth, *earldoman*⁸ de Essex, foram derrotados em Maldon, e seu líder foi morto em batalha. Contudo, apesar de o evento ser marcado por uma derrota, a narrativa de 325 versos sobreviveu e foi escrita a fim de celebrar determinação e coragem

daqueles que lutaram. A tradução para o português foi realizada em prosa por Elton O.S. Medeiros, a partir do original em inglês antigo.

“Bravos homens do mar me enviaram até você, ordenaram que lhe dissesse que você deve enviar-lhes rapidamente anéis como forma de proteção; é melhor para vocês que esta batalha seja paga com um tributo, do que nós entrarmos em duro combate. Nós não precisamos nos matar, se você for assim tão rico; nós desejamos assegurar a paz com este ouro. Se você que é o mais poderoso, que aqui está em comando, deseja poupar o seu povo, entregar aos homens do mar por sua própria vontade dinheiro em troca da paz, e aceitar a nossa paz, nós iremos para nossos barcos com as moedas, rumaremos para o mar, e manteremos a paz com vocês.” (MEDEIROS, 2012:166)

O trecho selecionado por nós corresponde à fala de um escandinavo na tentativa de travar a paz com os anglo-saxões. Ao referenciar “anéis como forma de proteção”, o interlocutor estava exigindo um pagamento, para que os anglo-saxões aceitassem a paz com o exército escandinavo, tornando-os assim isentos do combate. A prática de pagar para firmar a paz com os escandinavos, evitando conflitos armados, já havia sido largamente utilizada por Alfred, como há algumas referências nas *Crônicas*⁹. Após a derrota em Maldon, Æthelred viu-se obrigado a lançar mão de *gafol* (tributo, em inglês antigo), a fim de pagar pela (temporária) paz com os invasores. De acordo com o MS E das *Crônicas* ainda, o ano de 911: “...e logo após Ealdorman Byrhtnoth ter sido morto em Maldon; e naquele ano ficou decidido que imposto seria pago para os daneses por causa do grande horror o qual eles infringiram ao longo da costa” (SWANTON, 2006:127)¹⁰

3. Um balanço sobre as relações anglo-escandinavas

Abordar a temática da identidade deve ser algo feito com cuidado, para que não caiamos nos meandros e nas falácias do discurso das fontes documentais. Logo, utilizarmos o conceito de identidade dentro dos estudos medievísticos ou tardo-antigos deve ser feito com cuidado. A nosso ver, o conceito de identidade pode e deve ser aplicado no contexto do medievo, desde que respeitando, contudo, seus limites.

Por muito tempo a presença escandinava na Inglaterra não foi levada em conta como parte integrante da identidade inglesa. À primeira vista, dos assentamentos escandinavos do século IX ao governo de Cnut (985-1035) pareciam nada mais que um grande hiato em meio à história dos ingleses e não como parte integrante de sua identidade.

Contudo, no pós-guerra algo mudou. A Europa já vira os horrores de dois conflitos mundiais ocasionados pelo nacionalismo exacerbado. As migrações para a Inglaterra no pós-colonialismo revelavam agora uma sociedade mista, diversa e multicultural. A entrada para a União Europeia fez com que fosse necessário repensar o papel da ilha enquanto parte do continente europeu e as relações com galeses e escoceses estabeleceram novos limites entre ser inglês e ser britânico (TRAFFORD, 2009: 28). É neste contexto que os intelectuais ingleses debatem e rediscutem a construção de suas identidades.

Nos anos cinquenta, o historiador Peter Sawyer trouxe à luz o debate sobre os efeitos dos assentamentos escandinavos na Inglaterra. Os historiadores basearam suas referências, por muito tempo, no *Domesday Book*, documentação produzida cerca de 200 anos após a ocupação escandinava e já no período normando. O documento em questão se trata de uma espécie de inventário das principais propriedades na Inglaterra e quem eram seus respectivos donos. Linguistas e filólogos foram os primeiros a responder de forma mais eficaz dentro deste debate (TRAFFORD, 2009: 18).

Podemos classificar os autores que trabalham com assentamentos escandinavos e conseqüentemente suas influências na Inglaterra em duas correntes: minimalistas e maximalistas. Estes afirmam que o grande peso de evidências de influências escandinavas só pode ser explicado à luz de grande número de assentamentos. Já aqueles defendem que os escandinavos que foram para a Inglaterra eram em número pequeno, mas deixaram uma marca considerável na cultura e na língua inglesa pela condição social elevada de seus ocupantes (TRAFFORD, 2009:21). É importante ressaltarmos que a corrente maximalista perdeu fôlego depois dos anos oitenta, quando novas formas de interpretação para esses dados passam a ser consideradas por grupos de historiadores, arqueólogos e linguistas. A presença de topônimos de origem escandinava na Inglaterra não significa necessariamente que

Sobre o foco das atenções em determinar o número de assentamentos escandinavos
Trafford aborda em seu texto que

The pre-eminence given to the numbers question is very revealing, for it shows the dependence of the debate upon the assumption of a fixed and immutable relationship between ethnicity or ‘race’ on one side and cultures on the other. The implication seems to be that if the number of ‘Danes’ and ‘English’ could somehow be determine precisely, then all other pieces of the Danelaw jigsaw would instantly fall into place, and the baffling complexities of the linguistic, toponymic, and material evidence would resolve themselves into a comprehensible picture of the history of eastern England in the ninth to eleventh centuries. Such a view presupposes, firstly, that the ‘Danes’ and the ‘English’ were indeed discrete biological groups or races, with recognizable and distinctive cultural practices in language, material culture, and social and political organization by which each would, and can, be discerned, and secondly, that the clash of these ethnic groups and cultural practices was the principal dynamic in constructing the society and culture of the tenth- and eleventh-century ‘Danelaw’ as they are know through archaeology and later documents (TRAFFORD, 2009: 19) ¹¹ .

O trecho que se antecede é bastante elucidativo com relação a uma série de questões que perpassam o entendimento sobre cultura e identidade étnica na região da *Danelaw*. Primeiramente, merece destaque a informação de que rastrear os assentamentos escandinavos unicamente, sem associar essa metodologia quantitativa a outras modalidades de análise, não responde aos problemas acerca de quão escandinavos eram os assentamentos na Danelaw. Em segundo lugar, que identificar etnicamente anglo-saxões e escandinavos é “cair” no discurso da documentação escrita, produzida no e sobre o período. Dessa forma, as questões sobre as relações entre escandinavos e anglo-saxões bem como a diferenciação de ambos deve ser pensado a partir de outros vieses metodológicos que não esses usualmente abordados.

Essa mudança de paradigma com relação aos estudos sobre a presença escandinava na Inglaterra deve-se muito às reflexões feitas acerca dos assentamentos de origem anglo-saxã na primeira leva de migrações germânicas, no contexto da desagregação do Império Romano. Os últimos vinte anos marcaram um novo arranjo, no qual a arqueologia tomou as rédeas do fazer historiográfico, dominando os modelos explicativos para os séculos V-

VI. Somaram-se aos estudos também teorias provenientes da Antropologia, dentro dos estudos sobre migrações modernas.

Mathew Innes ressalta que o impacto da presença escandinava na Inglaterra deve ser analisado à luz da interação entre os escandinavos e anglo-saxões, das instituições que eles encontraram na ilha e, acima de tudo, pelas relações de poder entre os ocupantes e seus conquistados (INNES, 2009: 67).

Dawn Hadley e Julian Richards, ambos arqueólogos e professores nas universidades de Sheffield e de York, respectivamente, apontam possíveis caminhos para o entendimento de tais relações. A hipótese defendida por eles é de que a presença escandinava variou de uma região para outra e seu processo de acomodação envolveu muito mais assimilação das tradições anglo-saxões do que propriamente uma imposição. Essa variação, no entanto, está diretamente ligada a uma série de fatores, tais como status social, dependência política ou econômica de um grupo com relação a outro, a habilidade de um grupo se comunicar com outro, as implicações por conta de casamentos entre os grupos, assimilações social, religiosa, cultural e transformações na percepção de uma identidade coletiva ¹².

As propostas de análise de Richards e Hadley nos levam a considerar que a demarcação da identidade dos povos de origem anglo-saxã e escandinava não era tão bem delimitada nos séculos IX-X como a documentação escrita nos leva a pensar. Richards inclusive sugere que, ao lidarmos com assentamentos escandinavos em áreas anteriormente anglo-saxãs, usemos o termo *anglo-escandinavo*, pois ele daria um panorama melhor de como se construía essa nova identidade, a partir do contato entre ambos o grupos (RICHARDS, 2009: p. 306).

4. O massacre do dia São Brício

Æthelred, além de ter sido identificado pela historiografia tradicional como um rei fracassado, por conta dos escandinavos, ficou marcado também como um rei cruel. Isso se deve a algumas atitudes suas tais como a vingança contra o bispo de Rochester, mandar matar Ælfhelm, *Ealdorman* de Southern Northumbria, e cegar seus filhos Wulfheah e

Ufegeat. Contudo, o episódio que consideramos mais marcantes em termos políticos foi o chamado Massacre do Dia de São Brício, em 13 de novembro do ano de 1002.

O Massacre do Dia de São Brício se apresenta como um problema interpretativo instigante ao historiador. Se por um lado, há toda uma produção historiográfica, que dialoga com a antropologia e a arqueologia, que relativiza a questão da identidade na Inglaterra anglo-escandinava, por outro lado o evento de 13 de novembro nos leva a considerar outras formas de análise para o período.

(...) and in that year the king ordered all the Danish men who were among the English race to be killed on Brice's Day, because it was made known to the king that they wanted to ensnare his life – and afterwards all his councilors – and have his kingdom afterwards (SWNATON, 2006:134-135).¹³

O episódio teve séria repercussão em Oxford, onde a população local, atendendo às ordens do rei, ateou fogo à igreja de St Frideswide, com daneses dentro dela que buscaram abrigo. Tal fato é mencionado no documento intitulado *Cartulary of St Frideswide*.

Afterwards, in the year of grace 1004, King Ethelred ordered all the Danes of either sex then inhabiting England to be killed, and all those who had fled thither were burnt at Oxford, together with the Church, the Books and Ornaments, as appears from the Charter of King Ethelred, which follows in this wise. ' In the Year of our Lord 1004, in the 2nd indiction¹⁴ and in the 25th year of my reign, according to the disposal of God's providence, I Ethelred, ruhng over the whole of Albion¹⁵, have with liberty of charters by royal authority and for the love of the Almighty, established a certain monastery situated in the city which is called Oxoneford¹⁶, where the body of S. Frideswide reposes, and have recovered the lands which belonged to this same monastery. (PARKER, 2013: 92-93)¹⁷

Como podemos observar, o trecho confirma as informações acerca do evento e do local, mas não especifica o motivo pelo qual Æthelred ordena tal ataque. No caso, Oxford não fazia parte da *Danelaw*, mas da jurisdição do reino da Inglaterra. Innes acredita que

as barreiras locais, sociais e religiosas acabaram por cultivar uma identidade danesa entre os escandinavos e os anglo-saxões (INNES, 2009: 84). Ainda segundo o autor:

The return of the Danes under Swein, and the eventual establishment of a Danish dynasty on English throne under Cnut, played an important role in confirming the existence of a regional identity which was rooted in land and law but which was expressed in terms of 'Danishness' (INNES, 2009: 84) ¹⁸.

De certa forma, a identidade danesa não foi de todo esquecida ou abandonada. A recorrência dos ataques e a tentativa de se estabelecer uma dinastia escandinava na Inglaterra nos dão indícios para crer que o regionalismo sobreviveu, mas com uma marca de danicidade. Mesmo nas regiões em que a presença inglesa era forte, ou seja, fora da área da Danelaw, a identidade escandinava por vezes aparecia.

5. Considerações Finais

As relações entre anglo-saxões e escandinavos é um assunto bastante complexa e ainda renderá muitos debates dentro da academia. Compreender a construção de identidades é ter certeza de que estamos lidando com um processo nunca fechado e nunca acabado e que pode a qualquer momento se rearranjar e se utilizar de novos elementos para forjar uma nova identidade.

Nosso objetivo com este texto foi trazer à tona algumas questões contemporâneas dentro dos estudos anglo-escandinavos e ao mesmo tempo relativizá-las. O episódio do Massacre do Dia de São Brício é um dos indícios de que, mesmo com os estudos arqueológicos afirmando que não havia distinções entre anglo-saxões e escandinavos e que, ao final, uma terceira via identitária estava sendo formada, em determinados momentos o discurso de marcação das identidades nós *versus* eles voltava a aparecer.

6. Referências

Fontes documentais

- MEDEIROS, Elton O.S. A Batalha de Maldon. *Brathair* 12 (1), 2012: 161-183.
- PARKER, James. *The Early History of Oxford 727-1100*. 1885. Reprint. London: Forgotten Books, 2013. (92-3.)
- SWANTON, M.J. *An Anglo-Saxon Chronicle*. Exeter: Exeter University Press, 2006.

Bibliografia

- ABELS, Richard. English Logistics and military administration, 871-1066: The Impact of the Viking Wars. In: *Military aspects of Scandinavian society in a European perspective, AD 1-1300* (1997). Disponível em <https://asnoc.wordpress.com/2012/06/28/english-logistics-and-military-administration-871-1066-the-impact-of-the-viking-wars/> (Capturado em 23/05/2015).
- ALBUQUERQUE, I. D. *Angelcynn e Gens Anglorum: uma abordagem comparativa da identidade inglesa em The Life of King Alfred (século IX) e em The Deeds of Hereward (século XII)*. Março de 2012. 103 páginas. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Comparada/UFRJ.
- CURTA, Florin. Some remarks on ethnicity in medieval archaeology. In.: *Early Medieval Europe*, 2007 15 (2), p. 159-185.
- DOWHAM, Clare. Viking Ethnicities: A Historiographic Overview. In: *History Compass* 10/1 (2012) 1-12.
- _____. 'Hiberno-Norwegians' and 'Anglo-Danes': anachronistic ethnicities and Viking-Age England. In: *Mediaeval Scandinavia* 19 (2009) 139-69.
- FOOT, Sara. The Making of Angelcynn: English Identity before the Norman Conquest. In: *Transactions of the Royal Historical Society*. Sixth Series, Vol. 6 (1996)
- HADLEY, D.M. Viking and native: re-thinking identity in the Danelaw. In: *Early Medieval Europe*. Volume 11, Issue 1, 2002. p. 45-70.
- _____. and RICHARDS, Julian D. *Cultures in Contact: Scandinavian Settlements in England in the Ninth and Tenth Centuries*. Turnhout: Brepols, 2009.
- HAKENBECK, Susanne E. Situational Ethnicity and Nested Identities: New Approaches to an Old Problem. In: *Anglo-Saxon Studies in Archaeology and History* 14, 2007. p. 19-27.
- HARKEL, Letty Ten. Land or Gold? Changing Perception of Landscape in Viking Age Lincolnshire. In: *Assemblage*, 11 (2011): 15-33.
- HINDLEY, Geoffrey. *A brief history of the Anglo-Saxons: The beginnings of the English nation*. London: Robinson, 2006.

- INNES, Matthew. Danelaw Identities: Ethnicity, Regionalism, and Political Allegiance. In: HADLEY, D.M. and RICHARDS, Julian D. *Cultures in Contact: Scandinavian Settlement in England in the Ninth and Tenth Centuries*. Turnhout: Brepols, 2009. p.65-88.
- KEYNES, Simon. A Tale of Two Kings: Alfred the Great and Æthelred the Unready. In: *Transactions of the Royal Historical Society*. Vol. 36 (1986), p. 195-217.
- _____ Heregeld. In.: LAPIDGE, Michael, BLAIR, John, KEYNES, Simon and SCRAGG, Donald. *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. p. 235.
- MEDEIROS, Elton O.S. *Dominus exercituum: política, poesia heroica e narrativa bíblica durante o período alfrediano*. 2011. 213 páginas. Programa de Pós-Graduação em História Social/USP.
- NEVEUX, François. *A brief history of the Normans: the conquests that changed the face of Europe*. London: Robinson, 2008.
- OLIVEIRA DE, João Bittencourt. Topônimos escandinavos nas Ilhas Britânicas. In.: *Brathair* 11 (1), 2011:41-64.
- SAWYER, Peter. *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- TRAFFORD, Simon. Ethnicity, Migration Theory, and the Historiography of the Scandinavian Settlement of England. In: HADLEY, D.M. and RICHARDS, Julian D. *Cultures in Contact: Scandinavian Settlement in England in the Ninth and Tenth Centuries*. Turnhout: Brepols, 2009.p. 17-39.

¹ Esta publicação é fruto de pesquisas de nosso trabalho de doutorado, ainda em andamento.

² Os reinos da heptarquia seriam Kent, Sussex, Wessex, Essex, East Anglia, Mercia e Northumbria.

³ Para maiores informações acerca do período alfrediano, consultar MEDEIROS, Elton O.S. *Dominus exercituum: política, poesia heroica e narrativa bíblica durante o período alfrediano*. 2011. 213 páginas. Programa de Pós-Graduação em História Social/USP.

⁴ Conjunto de anais compilados majoritariamente em inglês antigo, está dividido em oito manuscritos. **MS A** – *The Parker Chronicle* ou *The Winchester Chronicle* (c. 891-1093), maior parte das informações sobre Wessex; **MS B** – *The Abingdon Chronicle I*, compilado a partir do ano 1000; **MS C** – *The Abingdon Chronicle II*, compilado na 2ª metade do século XI-1066; **MS D** – *The Worcester Chronicle*. Contem anais em inglês antigo compilados até o ano de 1079 e mais informações sobre o norte; **MS E** – *The Peterborough Chronicle*, provavelmente compilado em 1121, com excertos feitos até o ano de 1154. Mais informações sobre Northumbria; **MS F** – *The Canterbury Bilingual*, duas compilações: em latim e inglês antigo, foi escrito em Christ Church – Canterbury – em 1100. Compilado a partir do manuscrito A e do seu anterior E; **MS G** – Cópia de A e **MS H** – Fragmento apenas dos anos de 1113-1114.

⁶ “A maior parte dos relatos sobre o seu reino, nos anais de 894 a 1016, foram postas juntas, possivelmente em Londres, por alguém que trabalhou após o rei morto e com o conhecimento completo da derrota em questão. Não há pistas de qualquer associação do cronista com a corte e nenhuma sugestão que ele tenha qualquer competência em questões militares ou qualquer informação privilegiada sobre a

política interna. O propósito dele, olhando pelo seu privilegiado ponto de vista no início do reinado de Cnut, era dar uma justificativa que levaram à conquista danesa.”

⁷ Dia oito de setembro é marcado no calendário eclesiástico como Natividade de Nossa Senhora.

⁸ O termo começou como uma equivalência vernacular aos títulos latinos de *princeps*, *dux*, *comes*, *praefectus*. A partir do século X, adquiriu maior precisão como governante local agindo em nome do rei, refletindo o processo da Inglaterra mais unificada. Para maiores informações consultar STAFFORD, Pauline. Ealdorman. In: LAPIDGE, Michael, BLAIR, John, KEYNES, Simon and SCRAGG, Donald. *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

⁹ Como exemplos temos, no MS A, a paz feita com os escandinavos, nos anos de 876 (875) e 877 (876), mediante pagamento e em 878, após a vitória anglo-saxã em Edington, a uma faixa de terra que correspondia a Yorkshire, East Anglia e as porções central e oriental das Midlands, que seria conhecida mais tarde como *Danelaw*.

¹⁰ “... and very soon after that Ealdorman Byrhtnoth was killed at Maldon; and in that year it was first decided tax be paid to the Danish men because of the great terror which they wrought along the sea coast.”

¹¹ “A proeminência dada a questão dos números é muito significativa, pois mostra a dependência debate em cima da hipótese de uma relação fixa e imutável entre ‘etnicidade’ e ‘raça’ de um lado e culturas do outro. A implicação parece ser que, se o número de ‘daneses’ e ‘ingleses’ pudesse ser de certa forma determinado precisamente e aí todas as peças do quebra-cabeças da Danelaw pudessem ser encaixados e as desconcertantes complexidades da linguística, toponímia e evidência material se resolvessem num quadro compreensível da história do leste da Inglaterra nos séculos IX-XI. Tal visão pressupõe, primeiramente, que ‘daneses’ e ‘ingleses’ eram de fato grupos biológicos ou raciais distintos, com práticas culturais distintas e reconhecíveis em linguagem, cultura material e organização política e social, nas quais cada um podem ser discernidos. Em segundo lugar, que o embate entre esses grupos étnicos e as práticas culturais era a principal dinâmica na construção da sociedade e da cultura na Danelaw nos séculos X-XI, como são conhecidas pela documentação posterior e arqueológica.”

¹² Para maiores informações consultar HADLEY, D.M. and RICHARDS, Julian D. *Cultures in Contact: Scandinavian Settlements in England in the Ninth and Tenth Centuries*. Turnhout: Brepols, 2009. Coletânea de artigos acerca dos assentamentos escandinavos na Inglaterra.

¹³ “... e naquele ano o rei ordenou que todos os daneses que estavam entre os ingleses fossem mortos no dia de São Brício, porque foi sabido pelo rei que eles queriam capturá-lo – e afinal de contas a todos os seus conselheiros – e tomar seu [Æthelred] reino.”

¹⁴ Período fiscal de quinze anos.

¹⁵ Nome celta da Grã-Bretanha.

¹⁶ Variação da cidade de *Oxford*, juntamente com *Oxenford*.

¹⁷ “Após, no ano de 1004, Rei Æthelred ordenou que todos os daneses de ambos os sexos que habitavam a Inglaterra fossem mortos e aqueles que fugiram buscando abrigo foram queimados em Oxford, junto com a igreja, os livros e os ornamentos, de acordo com carta do Rei Æthelred, a qual segue. ‘No ano de 1004 do Nosso Senhor, no segundo *indiction* e no vigésimo quinto ano de meu reinado, de acordo com as atribuições da Providência Divina, eu, Æthelred, governante de toda Albion, tenho a liberdade de alvará por autoridade régia e por amor ao Onipotente, estabelecido certo monastério situado na cidade que se chama Oxoneford, onde o corpo de Santa Frideswide repousa, e recuperei as terras que pertenciam a este mesmo monastério.”

¹⁸ “O retorno dos daneses sob o comando de Swein e eventual estabelecimento de uma dinastia danesa no trono inglês a partir de Cnut tem um papel fundamental na confirmação da existência de uma identidade regional, a qual tem suas raízes no território e na lei, mas a qual estava expressa em termos de ‘danicidade’.”